

Raul
Moreira



Noir



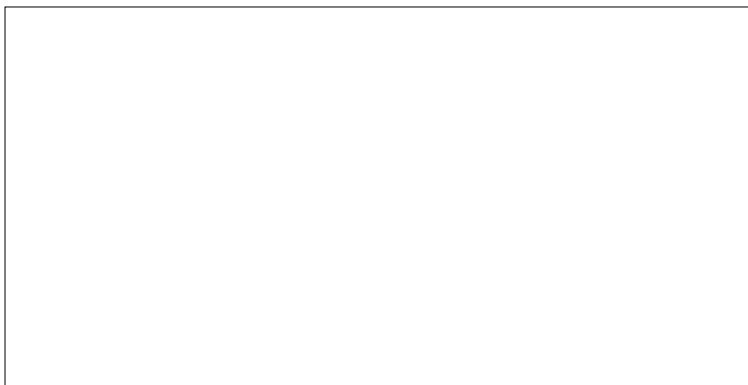
COLEÇÃO **PROSA NOIR** #1

Edição: Gonçalo Junior
Projeto gráfico: André Hernandez
Impressão e acabamento: Bartira Gráfica
Editora Noir
Praça da Sé, 21 cj 410
CEP 01001-000
São Paulo – Brasil

editoranoir.com.br
facebook.com/editoranoir
contato@editoranoir.com.br

© 2018 Editora Noir – Todos os direitos reservados
Permitida a reprodução parcial de texto ou de imagem,
desde que citados os nomes da obra e do autor.

N13





1.
*EXPRESSÃO
INDECIFRÁVEL*

MEU NOME É GREGÓRIO. Sou um gato frajola que se encontra mais ou menos ali, perto de completar metade da existência. Pelos meus cálculos, acredito ter seis anos, o que me faz um felino ainda relativamente jovem. Sei que somos capazes de viver até vinte anos, mas trata-se de algo raro. Na média, mesmo, duramos de doze a quinze anos. Isso vale para aqueles que levam uma vida confortável, com certos cuidados e boa ração, sem falar da sorte de não ser tragado pelo infortúnio, tão comum a nós.

Desde que não fique desamparado, possibilidade que não descarto, mesmo sendo remota, ou por uma razão que ainda não posso revelar, estou programado para morrer de velhice. Falo isso porque vivo recluso em um apartamento no vigésimo andar de um prédio de classe média alta: sou castrado, alimento-me três vezes ao dia, recebo carinhos regulares, vou de seis em seis meses ao veterinário e ficou para trás a fantasia de saltar no vazio por simples aventura. Hoje, penso que a ideia fixa de dar um salto de vinte andares, que me acompanhou por um breve período, se deu por absoluta falta de consciência das leis da física: acreditava que seria capaz de suportar sem riscos o impacto da queda, como o fazia nos voos do móvel-bar ao chão de madeira, numa altura de pouco mais de dois metros e meio.

De alguma forma, Mimi percebeu a minha intenção. Tanto que, de uma hora para outra, resolveu colocar redes de proteção nas janelas e varandas. No início fiquei revoltado, mas depois a agradei. Sim, tem um detalhe importante que me esqueci de relatar: antes das medidas protetivas, três gatas perderam a vida ao esborracharem-se no chão depois de caírem de alturas variadas do meu prédio.

O curioso é que os três casos não estavam relacionados a processos de fundo histórico, comum nos períodos de cio, uma vez que todas as gatas eram castradas. A única que eu conhecia com certa intimidade, Margarida, que era minha amiga, foi jogada do vigésimo quarto andar numa manhã qualquer, obra de Anacleto. Ele sempre negou. A esposa do tal, Verinha, não acreditou na sua inocência. Tanto que se separaram algum tempo depois, quando ela disse a quem quisesse ouvir que se livrara de um sociopata.

Convivi e me deparei com Anacleto algumas vezes. A primeira foi quando Mimi me levou à festa de aniversário da filha adotiva do casal. De banho tomado, cheiroso e usando uma coleira ridícula, fui com o objetivo de ser apresentado a Margarida. Lembro-me que todos se derreteram, menos Anacleto. Enquanto muitos me davam de “fofo”, de “lindo”, de “gato de porcelana”, sem falar que passei por diversos braços – o que me obrigou a ronronar para não ferir a etiqueta –, ele me olhava de soslaio.

Não fui com a cara dele. Um homem – e nós gatos sabemos bem disso, pois o nosso DNA remonta a quarenta milhões de anos – se

conhece pela forma através da qual mexe o sobrolho ao falar. Anacleto, por conta do movimento disforme das sobancelhas, fazia parte da categoria dos homo sapiens parasitas.

Quando falo em parasitas, cá não manifesto preconceito de espécie, absolutamente. Há humanos e humanos. No caso do assassino de Margarida, tratava-se de um dissimulado, de um tipo que vivia tirando proveito do entorno. Essas pessoas normalmente são dotadas de habilidades particulares, as quais muitas vezes as tornam simpáticas, bem-vistas, pois são especialistas na arte de se relacionar com o objetivo de tornarem-se confiáveis.

Mas a casa caiu por conta de um fator que o sujeito em questão não esperava e não sabia como se defrontar: a guerra entre espécies. Explico. Antes de Margarida, Anacleto reinava entre a mulher e a filha adotiva, a quem suportava no limite do possível. Não vou nem entrar no mérito da sua incapacidade de emprenhar a companheira. Então, quando surgiu a gata, linda, uma angorá turca, ele começou a perder espaço, situação a qual não soube como lidar. Por isso, certamente em um momento de cólera, a arremessou como uma bola pela varanda da sala, tanto que o corpo dela foi parar mais de dez metros distante da frente do prédio, o que acabou por incriminar-lhe perante Verinha.

Não esquecerei jamais o miado aterrorizante de Margarida naqueles ínfimos segundos de um voo de vinte e quatro andares, que culminou em um baque seco no concreto e gerou um grunhido perturbador. Como somos naturalmente resistentes, a ponto de muitos afirmarem convictamente que dispomos de sete vidas, a minha amiga ainda foi levada ao serviço de emergência para bichanos. No entanto, as suas condições eram desesperadoras e ela morreu antes que recebesse atendimento.

Ainda hoje tenho vontade de vomitar quando penso que, nas minhas incursões internas, algumas vezes encontrei Anacleto na escada do último andar, local que ele fazia de covil para fornicar com a empregada doméstica do 2501. Certa vez, ao perceber a minha presença, me escorraçou como se eu fosse o pior da espécie. Também o via nas escadarias falando baixinho ao celular, provavelmente com uma amante.

Diante de tais relatos, não pensem que sou alcaguete ou moralista, por favor! Até gosto das imperfeições humanas. A questão é que não

suporto o ato premeditado, vil, aquele que tem a intenção de tirar proveito para consigo mesmo à custa do sofrimento de um inocente, ainda que poucos sejam inocentes de verdade. Aliás, ninguém é inocente, nem eu.

Sei que você, agora, deve estar pensando como sou capaz de possuir, na qualidade de um mísero gato, aparato cognitivo tão sofisticado, reconhecamos. Não sei a resposta. Certo é que é aparentemente estranho alguém com pouco mais de cinco centímetros de diâmetro cerebral, massa que, numa balança de precisão, alcançaria trinta gramas, elucubrar assim. No entanto, repito: não sei. Aliás, suspeito que há muito mais felinos por aí carregando esse intelecto surpreendente.

Sim, não falo a língua dos homens e como outros da minha espécie me comunico somente através de ronronares, miados, bufos e linguagem corporal. Mas sem querer me gabar, confesso também que Mimi e o seu entorno eram apaixonados por mim, pois, por conta de certo comportamento e da minha expressão indecifrável, me consideravam quase humano. Muitas vezes me peguei perguntando como desenvolvi tal capacidade pensante. Em certo momento, alimentei a fantasia de que uma dessas almas prontas a encarnar errou o alvo e, sacrilégio, em vez de perfurar o óvulo de fulana ou de beltrana, de Maria ou de Antônia, acabou entrando em minha pobre mãe gata de rua, que Deus a tenha: comunguei com a teoria das vidas passadas. Cheguei a acreditar que fui uma odalisca em um harém berbere do século 14, por conta de um estranho “talento pélvico”.

Hoje acredito que tudo isso não passe de bobagem. Tanto que me tornei partidário do que se chama de memória genética. Ou seja: nós, vertebrados, indistintamente, para não falar apenas da minha categoria, carregamos na matéria dos nossos corpos a memória do mundo embutida no DNA. Porque, via de regra, quem está vivo, teve um pai e uma mãe, que por sua vez tiveram também pais e mães e, assim, a cadeia retrocede até o início dos tempos.

Não é à toa que muita gente, de repente ou através de hipnose, de um estado de transe, sabe-se lá, se vê em uma situação tal, em um período lá atrás, em um deserto, em um castelo, em uma feira miserável, enfim, ainda que tudo isso não justifique a minha capacidade de racionalizar.

Mas basta de vidas passadas e memória genética, chega de digressões. Quero falar de Mimi.





2.

EM NOME DE MIMI

MIMI ESTAVA MORRENDO. Os médicos deram-lhe menos de um ano de vida. Uma doença desconhecida a consumia. Aos cinquenta e três anos, não tinha filhos, nem irmãos. Possuía duas tias por parte de mãe, as quais também estavam mais pra lá do que pra cá, além de alguns primos distantes, nada mais. Em compensação, as amigas e amigos eram muitos e solidários.

Docente universitária e lésbica assumida, uma de suas preocupações diante da doença era o meu destino depois que se fosse. Para aliviar-lhe o sofrimento, muitos da sua turma disputavam a minha guarda. Na maioria, eram homossexuais, mulheres e homens, gente culta, alguns neuróticos e ferinos, outros mais ternos e doces. A cada encontro eu me sentia como se estivesse em um leilão. Quem iria dar o maior lance?

Naturalmente que eu tinha as minhas preferências. De cara, digo que preferiria beber leite envenenado a conviver com um sujeito afetado de nome Antonello, um artista plástico insuportável que gostava de escutar o ecoar da própria voz. Se o destino fosse cruel e me reservasse Ariane, dramaturga egocêntrica e dublê de burocrata, beberia água sanitária.

Viveria, sim, com Nádia, amiga acadêmica de Mimi que era proprietária de uma bela casa arborizada. A minha simpatia por ela se devia não apenas à sua doçura, mas, também, porque possuía alguns gatos e cães, sem falar que não os tratava como se fossem bichos de estimação imbecis.

Sabia que poderia ficar com Nádia. Para tanto, bastaria saltar-lhe no colo toda vez que ela visitasse Mimi. Mas ficava pensando na convivência com os meus “irmãos” gatos e os danados dos cães. A respeito de cães e gatos, me irritava, aliás, aquelas enfadonhas e improdutivas conversas que abordavam questões vossas relacionadas aos conceitos de raça dos quadrúpedes. Falo isso porque nos banquetes para homo sapiens, *felis silvestris catus* e *canis lupus familiaris* em casa de Nádia, os quais frequentei antes da doença de Mimi, eram recorrentes as discussões a respeito de animais de estimação. Causava-me impaciência toda aquela lengalenga em torno das raças de gatos e cachorros, as definições de caráter e de conduta a partir do tipo físico, do suposto pedigree. Também me dava náusea o orgulho de alguns em possuir um gato bengal, um balinês, um sphynx. Nunca tentei demonstrar a Mimi, nem mesmo através de careta, mas não suportava quando ela, em meio à gatajada e cachorrada de “raça”, dizia que, apesar de tudo, preferia o meu “café com leite”. Café com leite? Como assim, cara pálida? Sim, sou um gato preto e branco, olhos verdes, célebre representante da categoria dos frajolas, pau para toda obra, capaz de sobreviver lá e cá, entendeu?

Não há sentimento pior que alguém possa sentir por outro do que a comisseração. Certo que Mimi não sentia pena de mim. Talvez lá no passado, quando me recolheu na rua, tenha sentido pena, até porque eu era muito frágil. Eu também não queria sentir pena de você, Mimi! Mas tornou-se tão difícil não sentir ternura de você, Mimi! Sim, a palavra escolhida foi ternura. Decidi, então, que nem em pensamento passaria perto deste cérebro de trinta gramas a expressão “pena”.

Desde que descobriu a doença, a vida de Mimi virou de cabeça para baixo. Foram-se as certezas e as dúvidas tomaram-na de assalto.

Quando sã, achando-se imortal, ela concebia a morte como o fim de tudo e ponto final. Não haveria dor, pelo simples fato de que se depararia com o nada, o não existir, como antes de nascer. Pensava assim porque não havia sentido o cheiro da morte. Ao defrontar-se com ela, com a Senhora do nosso destino, Mimi tentou driblá-la, exercício cruel, pois, no fundo, sabia que, mais cedo ou mais tarde, cairia nas suas garras.

Mimi se deu à literatura salvacionista. Não precisou comprar nada. Dos amigos, que muitas vezes pareciam mais assustados do que ela, recebeu uma Bíblia, livros espíritas, esotéricos, naturalistas e até apontamentos de uma técnica milenar de sobrevivência ligada à magia negra. Alguns, ela devorava com avidez, mas, na maioria, mal passava da introdução.

Mimi também se sujeitou às curas espirituais. Uma amiga a convenceu de que um xamã poderia livrá-la da doença à distância. No dia do ritual, o xamã, que se encontrava a mais de mil quilômetros de sua casa, pediu que ela, em um determinado horário, acendesse uma vela e se deitasse nua em sua cama forrada com um lençol branco, sozinha, para que nenhum campo energético atrapalhasse a intervenção espiritual. Ela seguiu as indicações. Nem eu pude acompanhar.

Depois, por insistência de um amigo, Mimi foi a um centro espírita. Lá, o médium que incorporava um médico alemão, sem anestesia, lhe fez uma incisão de uns três centímetros com um estilete e enfiou o seu dedo indicador direito nas suas costas, sempre repetindo com um carregado sotaque tedesco que ela tivesse fé. Mimi não tinha fé. Ela achava que as pessoas já nasciam com fé, algo que vinha do inconsciente, da alma.

Houve também tentativa de cura pela respiração, pela macrobiótica, pela água alcalinizada. O segredo era respirar bem e eliminar a acidez do corpo. Em tese, tais procedimentos alavancariam o seu sistema imunológico e, a partir daí, o próprio corpo debelaria a doença. Foram meses de exercícios respiratórios e muito arroz integral, água com pH 9 e corte radical de comida industrializada, das porcarias, enfim. Até eu comi arroz cateto.

Mimi pouco melhorou. A doença, no entanto, parecia estabilizada. Veio-lhe o alento. Mas para quem a conheceu no ápice do vigor, a sua aparência era estranha. Parecia que o seu mal lhe roubara as carnes. Murilo, seu amigo e nutricionista, dizia que ela apenas estava distante daquele ideal estético construído e alimentado pela sociedade de consumo.

Uma amiga nossa, Silvana, retirou todos os espelhos do apartamento enquanto ela dormia. Foi-se o espelho grande da suíte, encostado na parede, como também os espelhos dos guarda-roupas embutidos em todos os quartos, e até os espelhos dos banheiros. Mimi nada disse. Mas, vez por outra, se olhava em um pequeno espelho redondo que guardava em sua bolsa, como que tentando se reconhecer ou, quem sabe, à espera de um milagre.

Ainda em relação à aparência, principalmente no início da doença, Mimi muitas vezes entrou em conflito com amigas e amigos ao perceber que eles a olhavam com certo ar de desespero ou, quando não, exageravam ao fingir que estava tudo bem. Muitas vezes, irritada, Mimi os expulsava de casa. Então, ficávamos somente eu e ela na cama, à meia-luz, inebriados pelo cheiro de incenso. De vez em quando o silêncio era quebrado por uma rajada de vento que insistia em ir de encontro à janela fechada. Mimi olhava para mim talvez acreditando que aquilo fosse um sinal.

